GELADEIRA AZUL

Atravessei a rua X e entrei no que parecia um único cômodo, mas dentro percebi que nichos e portinhas mágicas, como se tivessem sido desenhadas naquele instante, prolongavam o buraco além da minha expectativa inicial; os olhos do pintor de geladeira saltavam das órbitas, parecendo de pedra na maior alegoria; ele era maior que a geladeira que pintava de azul e pensei que, se ele tinha escolhido o azul, uma cor nesta altura evidentemente fora de moda para eletrodomésticos, devia ser porque no azul ele podia deitar e rolar suas pupilas já de pedra por tanta coisa que era capaz de ter visto; ele nem piscava quando entrei na oficina imunda, e fiquei meio atravessada naquela goela, o observando de banda. Ele era maior que a geladeira, que não era pequena, o que o fazia se curvar um pouco, e disso resultava a única curva projetada por um homem de trajetórias retilíneas, no olhar, na extensão do braço para pintar, na maneira como empunhava o pincel amplo. Perguntei para mim mesma por que me comprazia em ficar ao lado de um homem desconhecido, certamente obsessivo e que nem dava por mim; logo atinei que era porque se tratava de um homem frondoso como uma árvore, e ao pé dele eu recobrava um pouco de energia para a minha caminhada que ia se mostrando muito esgotante. Refletia assim quando desceu pela escada coberta de caixas e objetos quebrados aquela que eu logo percebi ser a dona da oficina, uma mulher quase indigente, cuja magreza fazia pensar apenas em crack ou num tipo de droga bastante destrutiva, embora não devesse ser essa a razão daquela simpatia biruta com um toco de cigarro entre os dedos da mão abaixada, que suspendia a calça de brim justinha; nisso ia aparecendo sua

barriga também seca e enrugada e nela o umbigo meio deformado por alguma operação. Senti náusea evidentemente, mas essa pobre mulher, pensei, pelo menos tem um negócio seu e um funcionário-pincel obsessivo como um Michelangelo; achei pena que ela descesse bem na hora que eu já ia botando o pé pra fora da sombra do grande homem e continuar meu caminho pelas ruas pedregosas; ela me perguntou quase pedindo se eu tinha um fogão ou uma geladeira para pintar; pensei um pouco para não decepcioná-la – só faltava revirar como num desenho animado a cabeça com uma pazinha –, e disse que sim, meu fogão já estava mesmo muito velho, mas precisava de algo mais que uma pintura, ele precisava também de uma nova porta e um gradil novo para o forno, e de suas bocas saía um fogo irregular de modo que rigorosamente eu só podia contar com duas delas, o que era pouco, mas assim eu ia me ajeitando, já estava vendo a hora que eu precisaria trocá-lo. Ela se dispôs a reformar tudo, o que por um momento me fez pensar que era uma proposta interessada, já que o mais lógico seria recomendar a compra de um utensílio novo; mas não precisei quase de esforço para perceber ali uma espécie de alucinação e dentro dessa alucinação uma ânsia verdadeiramente reformista – que grande parceria a sua com o barba-pincel-azul. Apesar da obsessão, a mulherzinha não parecia querer saltar para fora da pobreza, mas tenderia a afundar nela, onde até o último momento nos persuadiria que, sim, é possível trocar a porta e as grades e melhorar o calibre dos fogos e até tornar automático um fogão que não o era, era possível que ele se tornasse outro e melhor, mas sempre dentro dele mesmo, fogão antigo, pois esses antigos são muito, muito mais confiáveis e sólidos, não há por que trocá-los, embora devamos quando necessário trocar tudo neles. Não sei se

por compaixão ou pela força de sua persuasão, de natureza porém que propiciava nos distanciarmos e percebermos a sua loucura, ou por uma vontade de aderir a esse reformismo severo, bastante adequado a estes "tempos de recursos escassos", o fato é que abracei a sua causa e agendamos um dia para irem pegar o meu fogão; então ela descansou um pouco, acendeu outro cigarro e compreendi que o momento que ia atender um telefonema devia também me levar de volta à rua.